

Poucas cidades concentram tanta história, arte, literatura e poder como Moscou e São Petersburgo. Visitar ambas é percorrer séculos da trajetória russa. A guerra da Ucrânia é uma ferida aberta. Mas a vida segue

POR LUIZ CARLOS AZEDO

Tomei a decisão de viajar para a Rússia no ano passado, apesar da guerra contra a Ucrânia, depois de conversar com um amigo diplomata que havia passado férias em Moscou. “A cidade está um espetáculo”, resumiu. Pesquisei preços, roteiros e condições de viagem. Apesar do conflito fratricida e das sanções ocidentais, Moscou aparecia como um destino financeiramente acessível, comparável a Istambul ou ao Vietnã.

Estivera na antiga União Soviética em maio de 1990, quando o regime comunista agonizava. Assisti ao desfile do Dia do Trabalho na Praça Vermelha e vi milhares de manifestantes vaiando Mikhail Gorbachev diante do Mausoléu de Lenin. Em São Petersburgo, os comunistas estavam sendo desalojados do Instituto Smolny, quartel-general da Revolução de Outubro. A implosão da União Soviética ocorreria no ano seguinte.

Desde então, ouvira relatos contraditórios sobre a Rússia pós-soviética. Depois das privatizações selvagens de Boris Yeltsin, que produziram uma nova oligarquia econômica e profunda desorganização social, Moscou e São Petersburgo pareciam ter reencontrado estabilidade com o capitalismo de Estado, apesar do regime iliberal de Vladimir Putin e seus oligarcas. Resolvi conferir.

A guerra da Ucrânia era um risco e uma possibilidade. Não existem voos diretos entre a Rússia e o Ocidente. Cartões internacionais não funcionam. Reservas de hotéis exigem pagamento em rubros no check-in. Nada, porém, era intransponível. Formamos um grupo de três casais: eu e Eliana Fachini, ortodontista de Brasília (DF); Stoessel Vinhas e Terezinha Lellis, educador e psicóloga de Uberlândia (MG); Flávio Fraislebem e Elza Fraislebem, engenheiro e terapeuta ayuverda, de Campinas (SP). Com seis meses de antecedência, compramos passagens e reservamos os hotéis. A rota era Lisboa, Istambul, Moscou e São Petersburgo.

A capital turca serviu de ponto de encontro do grupo. De lá, partimos para Moscou pela Turkish Airlines. As reservas de hotel foram feitas pelo Ostrovok, equivalente russo do Booking, com pagamento em rublos no check-in. Por indicação



Eliana Fachini

Fascínio da Rússia

de amigos, contratamos como guia o historiador brasileiro Rodrigo Ianhez, residente em Moscou, estudioso da história soviética e tradutor para o português do famoso relatório de Nikita Krushev denunciando os crimes de Stálin. Um dos donos de uma pequena agência de viagens no Brasil, a Estrela Vermelha, seu desempenho como guia foi decisivo para o sucesso da viagem.

Primeira parada: Moscou

Às vésperas da partida, um ataque de drones nos arredores de Moscou quase nos levou a desistir. Prevaleceu um cálculo de risco: em toda guerra, só morreram quatro pessoas nos arredores da capital russa; no estado do Rio de Janeiro, são 10 mortes violentas por dia. Depois de dois dias em Istambul, chegamos a